

## ■ Atualidade

# Polarização agudiza-se na política espanhola, à beira de mais eleições

**Ricardo Santos Ferreira**  
rsferreira@medianove.com

O mais recente caso na política espanhola, em que o presidente do governo, Pedro Sánchez, deixou o país em suspenso por cinco dias para refletir se continuava no cargo, depois de um tribunal de Madrid ter aberto um "inquérito preliminar" envolvendo a sua mulher, Begoña Gómez, por alegado tráfico de influências e corrupção, vale por si, mas também como mais um episódio no aprofundamento do clima de polarização e crispação.

Pedro Sánchez acusou que este processo era o culminar de um cerco a si próprio, feito por forças políticas de direita e extrema-direita, primeiro através de denúncias em sites na internet, depois com ações políticas, e, agora, com a intervenção do poder judicial.

"É uma operação de perseguição e assédio por terra, mar e ar para tentar enfraquecer-me política e pessoalmente atacando a minha esposa", afirmou Sánchez, na carta "aos cidadãos" em que anunciou o período de reflexão e em que acusou o Partido Popular (PP), de direita, e o Vox, que tem sido seu parceiro, de extrema-direita, de não terem aceite os resultados das legislativas de 23 de julho. "O povo espanhol votou maioritariamente pelo avanço, permitindo a reedição de um governo de coligação progressista", diz

o secretário-geral do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE).

É verdade que as eleições permitiram a reedição da coligação entre o PSOE e o Sumar, a plataforma de esquerda promovida por Yolanda Díaz, segunda vice-presidente do governo espanhol e ministra do Trabalho, mas também é certo que o PP foi o partido mais votado e que o atual governo só se tornou possível com o voto dos partidos independentistas, em troca de um perdão aos catalães, coisa que Sánchez garantiu, durante a campanha eleitoral, que não faria.



**Esta crispação política faz com que um número crescente de espanhóis esteja desgastado com esta tensão e exija que as partes cheguem a acordos estatais sobre questões-chave. Isto poderá ter consequências do ponto de vista eleitoral que, neste momento, ainda são incertas", considera Carlos Seixas**

Depois de refletir - e de ver manifestações em seu apoio -, Pedro Sánchez anunciou, no início da semana, que ficava, afastando cenários da sua sucessão no PSOE e mirando, mesmo, as próprias legislativas. "Ficarei até que os espanhóis queiram", disse.

"Talvez o facto de a própria Procuradoria de Madrid ter, três dias antes, pedido o arquivamento da queixa apresentada pelo grupo Manos Limpias, que o PSOE acusou de ser uma espécie de braço armado da direita radical espanhola, tenha dado a Sánchez o impulso de que necessitava para decidir como decidiu", diz ao Jornal Económico (JE) Paulo Sande, professor da Universidade Católica Portuguesa e especialista em temas europeus, que aponta que Sánchez, um sobrevivente político, está acostumado a gerar surpresa.

O presidente do PP, Alberto Núñez Feijóo, acusou-o de se expor ao ridículo e de encenar uma peça de teatro, com objetivos eleitorais - por causa das regionais na Catalunha, a 12 de maio, e das europeias, em junho - e de condicionamento do poder judicial. "Espanha não tem um presidente do governo à altura dos seus cidadãos", acusou.

"Esta ameaça, quer real, quer encenada, teve o condão de mobilizar mais o eleitorado socialista. Nos últimos dias, viu-se uma forte mobilização nas ruas a favor da manutenção de Sánchez e apoio dos partidos que sustentam a coligação e da própria direção do PSOE,



que também se fez sentir", diz ao Jornal Económico (JE) Jorge Botelho Moniz, diretor de Estudos Europeus na Universidade Lusófona.

Dados do Centro de Investigações Sociológicas (CIS) mostram como este período de reflexão do primeiro-ministro permitiu reforçar as intenções de voto no PSOE, com 38,6% (mais 6,9 pontos percentuais do que nas últimas eleições), enquanto o PP se fica pelos 29,2% (menos 3,9 pontos) numas eventuais eleições legislativas. "Parece que, para já, Sánchez reforça a sua posição e o governo ganha um

novo elã", acrescenta.

#### Esquerda, direita

Independentemente do momento e das estratégias políticas, assistimos a um aprofundar da polarização política em Espanha, com dois blocos que se digladiam, extremado posições.

Em 1976, Ramón Tamames, economista reconhecido, comunista, conservador, publicou o livro "Onde vais Espanha?", sobre o futuro que se abria ao país, depois da ditadura. Agora, a questão mantém-se, mas tendo como pano de fundo



**Se as sondagens mostrarem que o PSOE se consegue libertar dos separatistas bascos, galegos e catalães e diminuir o balão do Sumar, isso poderá levar a agitação e inquietação na coligação. Quem sabe, até o próprio governo de coligação caia", diz Jorge Botelho Moniz**

o aprofundamento da polarização.

"Há sinais preocupantes da polarização política em Espanha. Na verdade, o aumento dos extremismos tem, habitualmente, esse efeito", diz ao Jornal Económico André Pereira Matos, professor de Estudos Europeus e vice-coordenador do mestrado em Estudos sobre a Europa da Universidade Aberta. "Para se contrariar um extremismo, perdem-se moderados e extremam-se no ponto oposto como forma de combate a uma ideologia perigosa, criando, dessa forma, uma espiral que, acima de tudo, prejudica a resolução, com moderação, dos problemas de uma comunidade", acrescenta.

Um estudo feito pela Universidade de Navarra analisa as eleições realizadas em Espanha desde 1979 até 2019, registando desde o ano 2000 um crescendo da polarização.

Utilizando o índice Dalton, adaptado, que leva em conta tanto a distribuição dos partidos ao longo da dimensão ideológica, de acordo com a perceção dos eleitores, mas também a percentagem de votos, o estudo conclui que a polarização aumentou 40,6%, passando de 3,86 pontos, no ano 2000, para um máximo de 5,43 pontos, em 2019.

Este índice tem uma escala de 0 a 10, sendo que 0 representa uma polarização nula e 10 a máxima possível.

"Nos últimos 15 anos, a polarização aumentou de forma constante", refere o estudo, apontando que durante os primeiros 10 anos os aumentos não ultrapassaram três décimas de ponto, mesmo em momentos de elevado conflito social, como 2011, com a crise económica. O maior aumento da polarização ocorreu após as eleições de 2015, coincidindo com a entrada de novos partidos nacionais, o Podemos e o Ciudadanos, e "o colapso do sistema bipartidário imperfeito que prevaleceu em Espanha desde o período de transição". Isto "promoveu a polarização, que quebrou a barreira dos 5 pontos, algo que só ocorreu em 1982. Desde então, e até 2019, a polarização em Espanha continuou a crescer, embora de forma mais moderada, mantendo-se acima da barreira dos 5 pontos", acrescentam os especialistas.

A perceção é de que a polarização ter-se-á agravado, entretanto, nos últimos anos e nos últimos atos eleitorais.

"Há uma fratura enorme na sociedade espanhola, que se vai aprofundar. Esta polarização poderá levar a uma mudança no clima político e social do país, afetando tanto a governação interna como a imagem de Espanha a nível internacional", considera Carlos Seixas, professor de Economia Pública e Política da Universidade Portuguesa. "Neste momento, Sánchez procura uma espécie de isenção moral e política da oposição, e a oposição considera esta tática preocupante devido à sua semelhança com táticas autoritárias, o que poderá afetar a perceção da democracia em Espanha", acrescenta.

As eleições que sucederam ao livro de Tamames acabaram por ser aquelas em menor polarização se verificou, de apenas 3,71 pontos, no quadro utilizado pelos especialistas de Navarra.

Já a história de Ramón Tamames acaba por ser um reflexo dos tempos, que começou no partido comunista, de onde saiu para criar um movimento que integrou as Esquerdas Unidas, mas no ano passado apresentou-se como candidato do Vox, no extremo oposto.

#### Consequências eleitorais?

Voltando ao momento político, "a pergunta que sobra é que consequências terá esta decisão [de Pedro Sánchez continuar], e todo o processo que a precedeu, no futuro imediato - e a mais médio prazo - do governo espa-



Alberto Núñez Feijóo (PP) e Pedro Sánchez (PSOE) são os protagonistas atuais do aprofundamento da polarização política em Espanha, mas esta tendência vem desde o início do século e a perceção é de que não abrandará

→ nhol", diz Paulo Sande. "A pressão dos independentistas catalães acentua-se, com particular destaque para [Carles] Puigdemont, líder do Juntos pela Catalunha", acrescenta.

As eleições autonómicas na Catalunha, em que as sondagens, anteriores ao anúncio do presidente do governo apontavam para uma vitória do PSOE, serão o próximo barómetro. "Resta saber que efeito terá esta decisão nesse resultado. Uma vitória dos socialistas na Catalunha poderá levá-los a governar a região depois de 14 anos consecutivos de executivos nacionalistas e até independentistas, o que pode ter uma dupla e paradoxalmente contraditória consequência: por um lado, consolidar a posição de Sánchez como líder do PSOE e até da esquerda em geral - através da sua aliança com o Sumar; por outro, quebrar a frágil base de apoio ao governo, com os partidos independentistas catalães em guerra entre si, mas também sempre, quase atavicamente, desconfiados do que considera ser manobras centralistas e anti autonomia dos governos do país", analisa Sande.

"As eleições da Catalunha, a 12 de maio, poderão revelar-se decisivas para compreender o futuro, até devido aos acordos parlamentares que Sánchez estabeleceu para assegurar a permanência como primeiro-ministro espanhol", reforça Carlos Seixas.

Depois, teremos eleições para o Parlamento Europeu, o que torna "o cenário, no mínimo, altamente instável", diz o professor da Universidade Católica.

A última sondagem divulgada pelo CIS, feita em abril e antes da crise reflexiva de Sánchez, apontava para um empate entre o PSOE e o PP, com o primeiro a obter 19,3% das intenções de voto e o segundo 19,2%. Mas 31,8% dos inquiridos afirmaram-se indecisos.

"Não me parece evidente que o apoio dos partidos nacionalistas catalães, pelo menos dos dois em simultâneo, entre si aliás desavindos e com distintas abordagens ideológicas, se mantenha, no caso de uma derrota pesada na região. Seguem-se as europeias, em que a confirmação da síndrome da mula - os partidos juniores em coligações de governo ou de apoio parlamentar costumam ter elevadas perdas eleitorais após algum tempo de manutenção do mesmo - pode igualmente levar à perda dos votos favoráveis necessários à manuten-



**Se Sánchez perdeu ou ganhou credibilidade com a pega de cernelha que realizou, é algo que só saberemos dentro de algum tempo. Os próximos episódios da cena política espanhola, da entrada em vigor da lei da amnistia às duas próximas eleições, poderão ser decisivos", diz Paulo Sande**

ção da maioria absoluta no parlamento", aponta Paulo Sande.

Jorge Botelho Moniz considera que, com a atual situação, o PSOE ganhou um novo ímpeto para as eleições europeias, mobilizando mais o seu eleitorado. "Sánchez e os socialistas recuperam a narrativa, tiram o foco das investigações judiciais e unem o seu eleitorado para as próximas eleições, explorando o argumento de que a direita espanhola, tanto a moderada (PP) como a radical (Vox), está a recorrer a todos os subterfúgios para derrubar o governo, incluindo os eticamente mais condenáveis, que envolvem os

familiares dos políticos", diz. "A médio prazo, se este discurso e crispação se mantiverem - e é provável que se mantenham - não vejo alternativa a uma maior polarização entre os blocos à direita e à esquerda", conclui.

André Pereira Matos aponta, porém, que pode haver ainda repercussões positivas da atual situação, vendo sinais positivos no afastamento temporário do primeiro-ministro espanhol, que "terá contribuído para uma aproximação dos socialistas espanhóis e aumentando as intenções de voto no PSOE para as europeias", mas também, adicionalmente, no facto de o PP



**Jorge Botelho Moniz**

Diretor de Estudos Europeus da Universidade Lusófona



**Paulo Sande**

Professor da Univ. Católica Portuguesa



**André Pereira Matos**

Professor de Estudos Europeus e vice-coordenador do Mestrado em Estudos sobre a Europa da Univ. Aberta



**Carlos Seixas**

Professor de Economia Pública e Política da Univ. Portucalense

estar "a utilizar uma nova arma política. Isabel Díaz Ayuso, presidente da Comunidade de Madrid, que apresenta uma retórica liberal do ponto de vista económico e de defesa da unidade nacional espanhola, fazendo com que o PP também esteja numa fase positiva de aumento de intenções de voto".

"Se juntarmos estes dois fatores, podemos assistir a um resultado eleitoral muito positivo para o centro político espanhol, mostrando, inclusivamente a Portugal, que é possível um retorno ao centro, sabiam esses partidos beneficiar do bom momento que as europeias proporcionarão", afirma.



# ¿Adónde vas, España?

**Análise** ■ Em 1976, Ramón Tamames (que militou no PCE durante o franquismo e hoje é deputado do Vox) escreveu o livro "Adónde vas, España?", em que olhava para o futuro de um país em plena transição democrática. Hoje, a crescente polarização ideológica na democracia espanhola merece idêntica reflexão. Os casos judiciais têm inquinado o debate e as sondagens apontam para um cansaço geral face à polarização, mas esta continua em crescendo. E quais as lições que Portugal pode retirar da política no país vizinho?

# Et cetera

“¿Adónde vas, España?”  
O que podemos aprender  
com o país vizinho **Análise ■ P.4**

